

MEMORIAL – RELATO DE VIDA

TRANSCRIÇÃO DE RELATO ORAL

MESTRE CHICO CEARÁ

2020

“Ser cultura pra mim é ser vida. Tudo, tudo, tudo. Cultura é o que come, é o que você pega, é o que você veste, é o que você faz. Tudo isso é o que a cultura tem pra te dar. É vida.”



INFÂNCIA

Meu nome é Francisco Gilberto da Silva, Mestre Chico Ceará, hoje considerado Mestre Chico Ceará, e na minha infância, o meu pai saía pra roça junto com meus dois irmãos, e eu por ser o minino mais pequeno, filho dos mais novos eu ficava em casa. Eu tinha cinco, seis anos de idade, não tinha condições de trabalhar ainda. Foi aos sete anos idade que eu passei a ir trabalhar na roça junto com meu pai e meus irmãos, nesse período aí de cinco, seis anos. Minha mãe era costureira; ela trabalhava no sentido de querer, ela sempre acreditou que a educação dá uma vida melhor pra pessoa e começou a trabalhar. Ela costurava de dia e de noite pra poder dar o nosso saber, o nosso estudo. E nesse tempo ela já dava o outro saber que era o saber popular, né? Ela ficava ali, eu brincando com os brinquedos que a gente conseguia lá, tipo um abacate novo a gente fazia os burrinho, os boinho, pra construir uma fazenda. Pegava lata de sardinha jogada fora, a gente pegava pra fazer os carrinhos e os brinquedo da gente. Na época não existia... existia, mas a gente não tinha condições de estar comprando brinquedo de loja, a gente fazia isso então. Enquanto eu tava criando ali aqueles brinquedos, aquelas coisas minha mãe ficava ali na máquina: teco teco teco teco teco, costurando, e começava a cantar. Uma das músicas que era bem característica dela dizia assim [canta]:

“Eu dou um boi pra não entrar na briga

Depois que entro, uma boiada eu darei pra não sair

Eu vim aqui não foi procurar intriga

Não sou de briga e só quero me divertir”

[quadra musical de domínio público – região de Arajara-Barbalha]

Essa era uma música que eu aprendi logo cedo quando eu tinha cinco pra seis anos e geralmente quando ela cantava uma, cantava várias.

Tem uma outra que é Coco de Palma, do coco tradicional da gente aqui, que ela dizia assim: [canta]

“Um avestruz dois águia três é burro por isso que duma jura só jogo na borboleta, cinco cachorro seis cabra sete carneiro o oito é o camelo com um lado direito o nove é cobra, o dez coelho e cavalo doze elefante galo tem espora de lanceta catorze gato quinze é jacaré e ninguém diga que não é o leão fera direita o dezessete tô jogando no macaco por isso não dou cavaco da cintura seca dezoito porco, dezenove o pavão , o vinte é o peru estrala que nem corneta vinte um touro, vinte dois joga no tigre vinte três é osso o cabra da cara seca vinte quatro tô jogando no viado, no vinte cinco é vaca do vaqueiro tirá leite, adeus sala de jantinha, adeus sala de jantar, adeus sala de jantinha, adeus sala de jantar”

Aí entrava a parte poética dela fazendo os versos e passava tempos lá costurando e cantando, e fazendo alguns versos e depois que fazia os versos entrava nesta questão de falar dos vinte e cinco bichos novamente. Eu aprendi isso também quando eu era criança e é uma coisa que eu carrego comigo até hoje.

Quando depois eu comecei a trabalhar na roça junto com meus irmãos, meu pai, com sete, oito ano, e já começo andar um pouco mais que é ir pra apresentações, os encontros que nós não chamávamos de apresentações não, eram os encontros que tinha nos terreiros como por exemplo na casa de Senhor Alberto, no terreiro lá da casa de Alberto vai ter uma brincadeira, um Mineiro-pau. Aí não tinha as pessoas específicas, todo mundo que fosse e quisesse se encontrava lá e ia brincar o Maneiro-pau. Lá a gente fazia uma meladinha, fazia uma caipirinha, fazia um bolo, geralmente isso era na segunda festa do ano, que é na festa junina, que tinha as brincadeiras das quadrilhas que eu sempre fui envolvido com isso, com Quadrilha Junina e Maneiro-pau e o Coco de Palma, com tudo voltado mais pra época junina, e na época que eu criança, eu comecei a ir mais nesse sentido, de estar interagindo mais com as outras pessoas e isso foi até a década de 1984.

CARETAS

Primordial essa questão dos Caretas para comigo. Eu criança, e é uma brincadeira, essa brincadeira dos Caretas, ela é centenária mesmo, ela tem muito mais de cem anos. O pessoal se reunia... eu falo com sabedoria, que eu participei todo tempo de 45 anos atrás pra hoje, sempre o pessoal se reunia na Vila da Arajara. Quando chegava a Semana Santa, a gente achava legal porque era semana de abundância, de muita comida, de muita coisa, tinha aquela troca, de visitar os colega, de pedir esmola pra o jinjum. Chegava na casa do pessoal e dizia: “me dê uma esmolinha do jinjum de amanhã”. Aí o pessoal ficava doando essas coisas pra gente na época da infância, só que a gente já começava o coração a acelerar um pouco mais, que tinha uma das partes principais, que seria o Cortejo dos Caretas e a Malhação do Judas.

Quando era no sábado à noite, no sábado de Aleluia, que era o encontro dos Caretas pra que pudesse fazer o sítio e pra brincadeira, pro cortejo no outro dia, que era no domingo de Páscoa. Eles já tinham um [instrumento], cortava bem direitinho o fundo dum litro, esquentava com água e gás. Colocava um gás num cordão, botava um pouco de água no fundo do litro, dois, três dedos no fundo do litro, aí ensopava aquele cordão de álcool ou de gás de cozinha, queimava. Depois, onde tinha a marca da água era só dá uma batidinha que soltava bem direitinho. Aí eles começava [os caretas] a fazer o barulho tipo [imita] “uohuuuuuuuuu”. Quando eles fazia esse barulho, a gente já associava com os caretas que era uma das coisas, era esse apito de litro que eles faziam. Aí a caixa começava “taquetataquetataque” tocando o baião do Juda e o coração da gente já começava a associar. A mente da gente começava a viajar que eles estavam tudo mascarado e os choçao tocando “belenguebelenguebelengue”, e eles começavam a dar uns grito, uns barulho só: [imita] “roooooom”, começava a mudar a fala e tudo. E eles faziam isso de longe né, a gente escutava de longe no sítio Faria, fazendo a coleta das coisas pra fazer o sítio do Judas. E a gente minino pequeno, né, corria pra debaixo da cama e o coração da gente [imita] “tucutucutucutucu” e a gente se sentia seguro se tivesse debaixo da cama da mãe da gente. Em outro canto, debaixo de uma moita, a gente não se sentia seguro não, tinha que correr pra debaixo da cama.

Então, quando eu tinha aproximadamente uns sete pra oito ano, que eu fui... é muito engraçado. As pessoas que trabalham na roça, parece que quando ele começa a trabalhar, ele já passa a querer ser homem, adulto e tal. Aí eu com medo, meu irmão uma vez falou assim, que seu eu brincasse eu ia perder aquele medo. Só que ficou aquele tabu... vai, num vai, vai, num vai, aí meu irmão falou: “se você quiser ir eu faço uma máscara pra você”. Aí ele pegou, fez uma máscara, que por sinal muito bonita e tal, aí eu coloquei essa máscara, né, e descí pra brincar junto dos caretas. E aí arrumei os chocalho, toda a vestimenta, minha mãe me ajudou... quando é criança, sempre é os pais que ajuda pra poder colocar: “vai que o mundo é teu”. Aí eu descí. Meu amigo... quando eu tava próximo de chegar na Vila Arajara, já os caretas correndo pra lá e pra cá brincando, e o buzo deles lá: [imita] “tuuuuuuuuuuuuuuu”, e o chocalho batendo e eles falando a fala diferente... começou o peso nas minhas perna. Parecia que eu tava uns cem quilo em cada perna. E o coração batendo, eu andando bem nos passos lentos pra demorar a chegar, enquanto isso os caretas brincando. Aí a careta que meu irmão

fez, era uma careta tão bonita que chamou mesmo atenção. Bonito para o Juda e pra os caretas é muito feia, que chama mesmo atenção. Num é bonita de boniteza não, é a feiura que é demais. Então muito bem feita por sinal, aí teve inclusive um rapaz chamado Claudio José, ele é falecido hoje, que ele veio ao encontro pra ver aquele careta tão miúdo no meio dos outros, tão pequeno no meio dos outros. Ele veio conversar comigo. E eu falava comigo: “é agora, tô ferrado!”. Aí, de repente, ele veio e falou normal, não falou [imita voz gutural] “tudo bom careta? Como é que você tá?”. Falou normal, só que eu tava com tanto medo que eu não reconheci a voz dele. Eu não reconheci uma pessoa que eu tava sendo criado do lado, não reconheci. Ele disse: “Nossa Senhora, meu amigo, que careta bem feita é essa!”. Queria até trocar pela dele porque ele achou bonita demais, aí já foi me abraçando, me levantando e o coração foi acalmando... aí eu comecei a brincar. Eu aprendi a brincar os Careta ali naquele momento, aí pronto! Depois que eu perdi o medo, lá vai a história da volta né... eu fui querer fazer medo os outro porque minha careta era bem assustadora mesmo. Eu comecei piquenin, aí já fiquei brincando com a macaca na mão, com rei na mão, e falando [som gutural] de criança, já tentando assustar os outros. Eu tinha superado aquele medo que quase morri. Eu peguei um amor muito grande pelos Caretas, aí aonde eu comecei a tentar ajudar, a organizar e tudo. Nesse tempo eu já brincava de Coco de Palma com os meninos, eu brincava de Quadrilha Junina com o pessoal, fundamos um grupo jovem pra tá agregando pessoas. Nós brincando, desse tempo eu tinha uns sete pra oito anos por aí, eu brincava todo tempo até o ano que eu fui embora pra São Paulo. Nessa época só tinha essas manifestações: as Quadrilhas Juninas, Maneiro-pau, o Coco de Palma, os Caretas... só essas coisas mesmo que tinha. Quando a gente via alguma coisa diferente era de outro lugar, do Crato, que Barbalha não tinha muito nessa época 1985, 84, 86, não tinha muito essa integração, a cultura num era muito apresentada como é hoje.

O ENCONTRO COM A CAPOEIRA

Em 1984 eu saí do sítio e fui estudar na cidade, na cidade do Crato, e passando já pra fase de adolescência, né, isso já passando já pra fase da adolescência, eu comecei a interagir mais com as coisas da cidade, com os outros sítios. Comecei a ter uma integração com mais pessoas. E um belo dia eu estava saindo da sala de aula, numa sexta-feira, não lembro a data mas era numa sexta-feira, e quando eu subi, subindo procurando pegar o nosso ônibus pra voltar pro sítio, treze, catorze quilômetros distante da cidade do Crato. E quando vim pra pegar um transporte, no caminho eu ouvi um som diferente, o qual nunca tinha ouvido, que era o som do berimbau, só que eu também não sabia que era o berimbau, não sabia distinguir, só sabia que o som era bem diferente. Parecendo que o som falava assim “mosquitin doidão, mosquitin doidão, mosquitin doidão” [imita o som do berimbau] e aquilo ficou na minha mente, né. Eu procurei dar uma olhada lá pra ver o que que era, era na quadra da igreja São Francisco no Crato e eu... tínhamos que pagar pra entrar, né, só que quando eu cheguei já querendo entrar pra ver o que que era eu fui barrado na porta. Como eu não tinha condições, eu dei o meu jeito de dar a volta, passei por detrás da igreja, subi no muro e fiquei olhando o pessoal. Aquele som ficou mexendo no meu juízo, na minha mente. Aí quando eu subi eu vi. Era um

instrumento, o pessoal colocando ele na barriga parecendo um arco e flecha, um batoque, só que com uma cabeça. E o pessoal colocava na barriga e tirava e eu percebia que o som saía daquilo ali, ao mesmo tempo tinha os outros que eu já tinha ouvido que era os sons dos tambores, o som do pandeiro, só que o que me chamou muita atenção também foi além do som do berimbau, foi o pessoal que cantava e batia palma, lutava e dançava ao mesmo tempo. Foi uma coisa assim muito interessante e eu tenho pra mim que aquilo ali foi o primeiro chamamento pra um pensamento macro, pra um pensamento maior sobre a cultura popular, sobre a cultura, e tudo aquilo que a gente tinha. Eu sempre busquei algo diferente, e aquilo ali pra mim tava sendo diferente. Ver aquele povo ali dançando, cantando e batendo palma, aquela interação... quando desci do muro, quando não consegui mais assistir, tava cansado, pendurado no muro, eu já fui, virei pra um colega que tava comigo chamado Antônio e já comecei a levantar perna pro lado dele e a gente começou a brincadeira que durou um período. né, entre dois e quatro anos durou essa brincadeira. A gente começou a ficar como se fosse treinando Capoeira, levantando a perna prum lado e pra outro. Até showzinho de brincadeira nas igrejas quando tinha festa de santo, na igreja Nossa senhora da Conceição que é na vila do Arajara, no São José do Farias, sempre tinha um momento que a gente tinha aquela brincadeira, aquele envolvimento como se a gente tivesse lutando Capoeira, só que era a Capoeira sem mestre. E ao mesmo tempo a gente pegava, adolescente, já brincando de Quadrilha Junina, de Maneiro-pau, de Coco de Palma, dessas coisas que tínhamos lá.

Como Deus já tinha escrito que... já tinha colocado que na minha vida eu seria um professor de Capoeira, um mestre de Capoeira e um mestre de cultura popular, foi quando aconteceu um acidente com o meu cunhado. O pessoal queria amputar o braço dele aqui na cidade de Crato, foi aí que a gente resolveu, vendeu as coisas que tinha e ir embora pra São Paulo pra fazer o tratamento dele lá. Ele foi em 1986 e era um sonho que eu tinha, adentrar um pouco mais no mundão de Deus, num ficar só aqui nesse meio, no círculo Crajubar. Eu precisava ter uma coisa minha mesmo, que eu precisava sair um pouco daqui e ver o que tinha além dessas fronteiras.

IDA A SÃO PAULO

Como eu falei anteriormente, Deus tinha escrito que eu ia ser mestre de Capoeira, que eu ia colocar essa manifestação na minha vida. Quando eu cheguei dia primeiro de maio de 1987 lá em São Paulo, logo em seguida teve um comentário que ia ter uma apresentação de Capoeira lá no bairro onde eu fui morar, no bairro Vila Nova Galvão. Na minha mente eu ia ver só pessoal dando pernada e aquele mosquitim doidão, né, o toque do berimbau que eu ia ter oportunidade de ver novamente de perto, e quando eu cheguei lá fui muito surpreendido, porque teve logo apresentação de Maculelê, que é uma dança afrodescendente, a Puxada de Rede, que é uma dança que conta a história dos marinheiros, né, e a Capoeira em si. Tudo junto. Tudo no mesmo local e no mesmo momento. Aí pronto, vi o Maculelê e fiquei muito empolgado, porque já imaginei, ali foi aonde eu vi que teve três apresentação ao mesmo tempo, no mesmo local, aonde abriu a

minha mente pra ver que a Capoeira, ela tem o poder de ajuntamento, e que ela tinha essa abertura pra gente fazer várias manifestações, junto, a partir da Capoeira. Aí eu digo, “agora vou treinar Capoeira”. E quando finalizou essa roda de Capoeira, aí veio mais uma manifestação que eu não conhecia, que foi o Samba de Roda. Finalizou com o Samba de Roda. Aí pronto! Me empolguei mais, porque eu tinha muita vontade de aprender a sambar. A gente aqui [Barbalha] só sabia dançar Forró Pé-de-serra ou o Coco de Palma, e quando a gente queria ver um samba, um negócio assim, a gente andava dois quilômetro pra poder ir na vila [Arajara] aonde o pessoal tinha uma televisão, pra na época do Carnaval a gente ver as mulata sambando, essas coisa.



Mas só em ver assim, não tinha o talento de aprender rápido, né. Quando eu vi isso daí, eu comecei a imaginar... eu me apaixonei mesmo pela arte e pela cultura, e comecei a treinar a Capoeira no intuito de trazer a Capoeira pra cá, pra minha comunidade, pro meu sítio, pras pessoas não passar pelo que eu passei, que era deixar a oportunidade de aprender a Capoeira e de tudo aquilo que a Capoeira trazia junto, né?

Comecei a treinar a Capoeira com muita seriedade, e num passava quinze dia, um mês, talvez uma semana, sem pensar em me formar professor de Capoeira pra voltar aqui pro Cariri cearense e dar aula de Capoeira pra meus contemporâneos ali, né, meus familiares, meus amigos de infância. Nisso eu fiz um feito interessante, que eu me formei professor de Capoeira com quatro ano e quatro meses, e voltei.

AÇÕES NO CARIRI: O COMEÇO

Voltei. [pausa] Deus é muito bom comigo, que quando eu me formei, esse pensamento de sempre trazer as coisa pra cá, quando foi em 1992, que eu vim pra cá pro Cariri de novo, de São Paulo, eu abri um espaço de Capoeira ali no Centro Comunitário em Arajara, e nesse espaço, eu comecei com Capoeira e o Maculelê, que era as coisa diferente, a Capoeira, né?, e o Maculelê que era muito chamativo. Aí nessas duas cultura que eu implantei logo, teve um chamamento de muitas pessoa, muitas pessoas se agregaram dentro do Centro Comunitário, aí lá eu aumentei, a Puxada de Rede, aumentei o Samba de Roda, e ao mesmo tempo eu fui puxando o Maneiro-pau, o Coco de Palma, e as outras manifestação que já era aqui da comunidade, que inclusive tava meio adormecida, o pessoal nem tava falando mais.

No que a Capoeira foi importante na minha vida? Ela fez eu entender que as culturas que nós tínhamos aqui, ela não precisa ser feita, apresentada, só na época específica não. Tipo a Quadrilha Junina, o Maneiro-Pau, o Coco de Palma, ele não é necessário que seja feito só no mês de junho, não. A Quadrilha Junina diz, é Quadrilha Junina, mas isso não impede que ela seja apresentada no mês de dezembro, no mês de outubro, de setembro, e assim sucessivamente, né, e as outras que não tem mês definido, essa é que é livre mesmo! Isso fez eu entender que a cultura é dinâmica, é viva, e a gente precisa tá colocando ela em foco. Quando eu



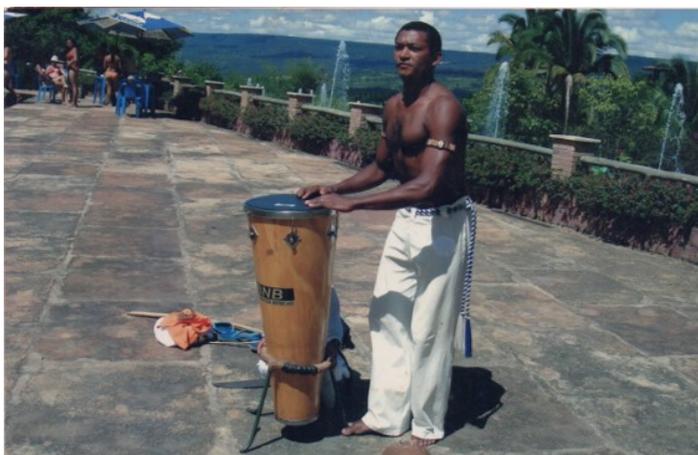
cheguei aqui, eu comecei realmente a ser uma liderança, né, dando aula de Capoeira, e das outra manifestação, e também comecei a puxar algumas manifestação que tava adormecida. Comecei a puxar a brincadeira dos Caretas como uma coisa cultural, porque antes, as pessoas que eram os organizadores, eles iam pro lado comercial. Geralmente diziam: “ei, vamos fazer a brincadeira dos Careta lá no meu bar”. Pra você ver que eles já associavam logo, “lá no meu bar”. No bar dele, ele ia vender num sei quantas grade de cerveja, num sei quantas cachaça, e eles iam ganhar o dinheiro deles. E eu comecei a ter um olhar diferenciado pra isso, como cultura. [pausa]

Falando um pouco sobre os Careta, que eu consegui trazer aqui pro terreiro. Pra estimular os menino a fazer as máscara artesanal, que na minha época não existia essas máscara de Carnaval, era muito difícil. Então as máscara era tudo artesanal. A gente utiliza pra fazer a forma, barro massapê, e ali você vai cobrindo, o material a gente chama de angu de goma, que vira uma cola, e utiliza papelão, papel, caderno velho, bornais. A gente utiliza disso pra fazer as caretas artesanais. Então, assim... teve um tempo que começou uma febre muito grande de o pessoal comprar máscara de Carnaval pra brincar os Careta. E eu não achava interessante. Não acho interessante. Aí o que é que faço: eu pego e coloco um desafio pra eles, uma premiação, pra máscara mais chamativa, mais bem feita, né, mais feia que assuste todo mundo. Então a gente faz uma premiação x, dependendo do que a gente tiver em mão, mas geralmente, como a gente ainda vai correr atrás do recurso, eu coloco de cem reais pra máscara mais bem feita. Só concorre a essa máscara mais bem feita, a realmente artesanal. Então estimulo o pessoal a ter a criatividade, e outra coisa, eu não aceito que... eles pode brincar cinco anos com a mesma máscara, não tem problema, só que ela só concorre naquele primeiro ano. A gente tenta guardar na memória, ou fotografar. Por isso eu bato uma foto no início do percurso e outra no fim, porque aquele que foi vencedor, se ele não tava no início já não vai valer. Porque a gente faz um percurso de três a cinco quilômetros e tinha pessoas que fazia umas máscara legal, brincava legal no final, mas ficava esperando quando o Judas e os careta tavam chegando quinhentos metro, um quilômetro pra o espaço do terreiro, aí ele pegava e entrava na brincadeira, tava mais disposto, mais descansado, né. Então a gente faz toda essa questão pra não ser injusto.

Isso aconteceu em 1992, eu trazer os Careta pra minha responsabilidade. Quando foi em 1994, que voltei pra São Paulo novamente, que eu achei que não tava pronto em termo capoeirístico, e eu precisava de mais uma reciclagem, de mais um aprendizado. Que queira ou não, eu já tinha sete ano de Capoeira, mas eu mesmo tinha achado que tinha me formado precocemente. Voltei pra São Paulo e fiquei até 1999.

TERREIRO CULTURAL ARTE E TRADIÇÃO: A TRAJETÓRIA

Bom... quando eu tô lá em São Paulo, vim como Filhos de Zambi pra cá em 1998. Em 1998, vim pra cá pra passear, só que quando eu cheguei aqui eu vi a carência do pessoal da comunidade, muita bebedeira, muita coisa... eu vi muito jovem se perdendo, né. Aí foi aonde deu aquele estalo de eu voltar pra São Paulo só pra pegar



as minhas coisas e vir pra cá, tentar fazer aqui alguma interferência na vida dessas pessoas, na vida desses jovens, e como que eu podia ter essa interferência? Usando o que eu mais gosto de fazer, que eu faço com amor, que é a cultura, a Capoeira, que é o que mais gosto de fazer. Eu faço com amor mesmo. Voltei na metade de 1998 já foi pra pegar minhas coisas, organizar lá, e em questão de três, quatro meses já vim embora pra cá, em definitivo.

Aí sim, em 1999 eu achei que tava pronto, e voltei novamente pra região do Cariri, pra meu município, meu sítio. Foi aí onde eu comecei novamente, eu busquei, um pouco mais maduro, continuei como Filhos de Zambi, né, que eu treinei e me formei, sou mestre formado no Grupo Filhos de Zambi, em termo de Capoeira, porque em cultura popular, você se faz mestre, a comunidade te reconhece como mestre de cultura popular por seus feito em termo da cultura. Em Capoeira, não. A Capoeira vai ter que ter uma celebração, vai ter que ter uma afirmação dos outros mestre. Mas o interessante quando eu chego aqui em 1999, aí já tinha vários grupos de Capoeira na região, mas nenhum com o olhar voltado pra cultura em geral.

Os mestre de Capoeira que tavam aqui na região na época era só Capoeira, Capoeira e Capoeira. E como eu tinha visto lá em 1987 que a Capoeira abria esse leque de oportunidade, ela tinha como a gente fazer várias manifestação afro-brasileira dentro de um espaço, e eu, por pensar macro, pensar grande, eu nunca quis ser só mestre de Capoeira, nunca quis só ser organizador do Maneiro-pau, só de Coco de Roda, eu sempre não me conformo com o pouco que eu sei, fico sempre tentando buscar mais alguma coisa. Com o que eu encontro de bom, eu trago pra passar pros meus, meus alunos, meus amigo, meus irmão, que eu vejo meus aluno como meus filhos, né, como a minha família. Então pra minha família, eu só o quero o de bom. Então o que eu conseguir de bom eu trago pra dentro da nossa ONG, da nossa Associação, do nosso grupo, e aí a gente vai implantando as manifestações que a gente acha legal. Mas, a primórdio, eu tinha realmente só a Capoeira.

Quando eu cheguei em 1999 eu comecei dar aula na escola, e dando aula também na Associação de Pequenos Agricultores do Sítio Santo Antônio, voluntário. Quando eu comecei a dar aula em 1992 era pago, só quando eu vim com esse outro olhar, diferente, vendo os menino indo pro lado da bebedeira, eu percebi

que como eram filho de agricultor, a grande maioria era adolescente filho de agricultor, eles não tinham condição de tá pagando, né, naquela época não tinha muito aqueles bolsa-família, esses projetos sociais que tem hoje. Não tinha, né. Não tinha de jeito nenhum. Então, assim, a situação era meio precária, aí eu resolvi, pra não perder aluno, também não sou de explorar, não sou de cobrar nada de ninguém, eu peguei e comecei a dar aula cem por cento voluntário. O que eu exijo até hoje como contrapartida do pessoal, dos adultos que tão treinando comigo, eles tejam buscando emprego pra se manter, e as criança, é obrigatório que eles esteja na escola estudando e que esteja tirando uma boa nota, que a gente trabalha muito nossa ancestralidade, trabalho muito a questão do respeito para os mais velhos, e na escola não é diferente não, tem que tá respeitando os professores, a direção, a merendeira, a faxineira, tem que ter esse respeito pelos mais velho, e o interesse para ser algo mais, no nosso dito popular, ser alguém na vida, ter um curso superior, ser um doutor, vamo dizer nesse sentido.

No ano de 1999 ainda, depois de um ano de treinamento, a gente faz o primeiro batizado de Capoeira, que é o batizado dos meus primeiros alunos, que é Dona Socorro [esposa] e mais uns oito, dez menino, criança e jovem, que eu batizei como capoeirista, como Filhos de Zambi na época. Lá nesse dia, a gente fez só o Samba de Roda no final, fizemos a cerimônia do batizado de Capoeira, que era só o primeiro estágio, e fizemo uma apresentação do Maculelê, que eles já tavam preparado pra apresentar o Maculelê. Que desde sempre, quando eu vejo a impactação que o Maculelê dá, desde a primeira vez que eu voltei em 1992, eu já implantei o Maculelê aqui. Ficou um tempo adormecido quando eu fui pra São Paulo e passei mais esses outro cinco ano lá, mas quando eu voltei foi uma das primeira coisa que eu coloquei em foco foi o Maculelê de novo, pra poder ter aquele chamamento do pessoal, pra poder ter o ajuntamento dessas pessoas.

Com essa questão política, que eu não sou partidário, não tenho partido. O meu partido é a cultura, a educação, é o social. Eu comecei dando aula na escola e descobriram que eu não tinha votado num certo partido que era o que tava administrando. E eles pegaram e disseram assim, uma diretora disse: “enquanto nós tiver no poder, Gilberto, Mestre Chico Ceará, ele não dá aula mais na escola”. [pausa] Aí tudo bem... minha esposa sempre do meu lado ali, ela falou assim: “nós temos o terreiro da nossa casa, que não vai dever homenagem a nem presidente de associação, nem direção de escola, nem a político, nem a ninguém. A gente coloca Deus no comando, e a gente fica comandando nosso espaço, que é o terreiro da nossa casa”. Aí eu agradeço a Deus por essa mulher ter tentado politicamente me prejudicar, e pelo contrário, ela deu uma alavancada no nosso trabalho, né? Aí no nosso terreiro, quando eu cheguei lá, a gente faz o trabalho com o pé no chão mesmo, diretamente no terreiro aberto; eu costumo dizer que onde eu dou aula de Capoeira e as minhas manifestações culturais, o muro é a Floresta Nacional do Araripe e o teto é as estrela, com lua e o céu. Esse é o nosso espaço do Arte e Tradição.

Quando eu saí de lá [da escola], foi numa época que o meu Mestre ficou num grupo de Capoeira chamado Muzenza, e eu não me adequei muito ao grupo, às normas, e resolvi ficar com a Filhos de Zambi, mas como a Filhos de Zambi não tava com o Mestre, a gente resolveu fundar a Organização não Governamental e

Cultural Capoeira Arte e Tradição. Já falei anteriormente que a arte transforma e faz, e a tradição é a nossa identidade. A gente tá tentando inovar, mas dentro da tradição.

O nome Organização não Governamental e Cultural Capoeira Arte e Tradição, a gente fundou ele, começou a embuchar, o embrião dele foi em 2003, entendeu? A gente foi fazer estatuto, aí quando foi no começo de 2004 tava tudo pronto, tudo certo. Mas a gente pega e coloca ele em foco em treze de maio de 2004 porque casa com meu início de Capoeira lá em São Paulo, no dia treze de maio de 1987. A gente tem dois motivo pra



comemorar o dia treze de maio, que antes era aquela coisa, a libertação dos escravo, ali era uma coisa que foi meio forçada; libertou os escravo, mas até que ponto eles ficou libertado? Eles tava livre, mas livre pra quê? Se num tinha terra pra trabalhar, se num tinha o que fazer? Então, assim: eu não vejo o treze de maio pra comemorar nesse sentido da libertação dos escravo, mas eu tenho esses dois motivo, que é meu aniversário de Capoeira, que foi aonde abriu minha mente,

esse leque de oportunidade que a Capoeira dá, e o aniversário da nossa ONG, que é nossa filha, nossa casa [pausa], nosso espaço.

Nosso grupo é Arte e Tradição porque eu pensei: como eu penso macro mesmo, eu pensei e sei que a arte, ela faz, ela transforma, ela realiza, e a Tradição é uma coisa que é a identidade do povo, é a identidade da gente. A gente não pode deixar a nossa tradição, a nossa identidade, pra fora. É que nem um sobrenome; se eu sou um da Silva, eu posso colocar o nome do meu filho de Michael, qualquer nome diferente, mas tem que ter o da Silva, que é a tradição. Então eu vejo a nossa tradição com essa obrigatoriedade de carregar esse sobrenome nas suas manifestações, na suas mudanças, né?

No nosso terreiro, hoje, nós temos várias manifestações que vou pontuar agora. A **Capoeira**, depois vem o **Maculelê**, **Samba de Roda**, **Puxada de Rede**, **Coco de Palma**. A gente faz **Maracatu**, a **Mangaba** que é a mais nova, os dois mais novo. Nós temos a **Quadrilha Junina**, nós temos os **Caretas**, e o **Maneiro-pau**. Essas dez manifestações a gente faz anualmente no terreiro. No nosso grupo, nós... por exemplo, o



Maracatu, que é o que agrega mais pessoas ao mesmo tempo, ele dá por volta de sessenta, setenta pessoa. Mas o Maculelê pode ser feito com menos pessoas, pode ser dez, quinze, né. A Capoeira é o tanto que der. Como a gente tá voltando nessa época de pandemia, ontem tinha quinze pessoas no terreiro, mas por que

quinze pessoas? Porque o terreiro, o espaço é bem amplo, e é um espaço aberto, a gente consegue manter o distanciamento das pessoas. Então assim, a gente faz a estimativa de público, de participante, dependendo do que tu vai fazer. O que agrega mais pessoas: o Maracatu e a Capoeira.

Aí, porque que eu faço tantas manifestações no terreiro? Porque, por



exemplo, você não gosta do Maculelê, porque se pinta, porque veste uma saia de ráfia ou de palha da costa. Ráfia é aquelas coisinha colorida de Carnaval, aqueles bichinho colorido de plástico. Ou palha da costa, que é muito próximo da terra, da nossa ancestralidade, e também a gente faz, como aqui é mais fácil, a juta, que é a estopa, né. A gente faz mais de estopa, porque a estopa crua fica mais cor de terra, mais puxando pra nossa ancestralidade. Então tem muita gente que não quer vestir aquela saia, então ele tem a oportunidade de trabalhar, de ir pra Quadrilha Junina, que é vestido, é calça comprida. Ele não identifica com o Maculelê mas ele pode se identificar com a Puxada de Rede, ou pode não gostar da Puxada de Rede e gostar do Maneiro-pau, do Coco, ou só da Capoeira. Tem pessoas no grupo que só participa da Capoeira. Tem pessoas do grupo que é só Maculelê, outro só Samba de Roda, entendeu? Nós oportunizamos esse... vou dizer até um universo de cultura que nós temos, oportunizamos pra todos. Tem pessoas que vai assistir e participa só da Ciranda do final. Geralmente a gente termina com Samba de Roda, mas também a gente às vezes pega, não participou, então vamo fazer uma Ciranda aqui, pra ver se a pessoa participa.

Participam umas cem pessoas do terreiro. Só que agora o terreiro tá mais amplo também, tá noutra cidade daqui da região do Cariri, que é Altaneira, e entrou o mestre mais uns cem, cento e poucos aluno. Essa fundação da filial do Arte e Tradição, foi assim: esse rapaz [o mestre], ele foi um dos primeiros capoeiristas que eu fiz amizade aqui no Cariri. O nome dele é Ediwilson.

Nisso, quando eu montei o trabalho aqui, ele chegou junto e aí a gente começou a trabalhar junto. Quando voltei novamente, no ano de 1998 pra 1999, esse rapaz tava num grupo chamado Memória do Pastinha, do Mestre Jorge Ceará lá de Fortaleza. A gente continuou na mesma amizade, ele fazendo os evento lá em Altaneira, eu indo, eu fazendo os evento aqui, ele vindo, e a gente continuou essa irmandade, esse intercâmbio. Só que o grupo Memória do Pastinha, o Mestre Jorge Ceará chegou a falecer, e o Mestre Ediwilson ele sentiu meio que, sei lá, o filho perdeu o pai e meio que ficou jogado. Então ele continuou lá em Altaneira, e eu continuei lá na minha, com o Arte e Tradição, e a gente fazendo esse intercâmbio.

Até que um dia, ele chegou pra mim e disse: “Mestre, me empreste o estatuto da tua ONG, pra mim dá uma olhada”. Eu, no meu pensar, eu achava que ele ia fundar um grupo pra ele, que ele chegou a falar pra mim que não tava contente dentro do grupo Memória do Pastinha. Ele ficou dois anos com a cópia do meu



estatuto lá. Aí quando foi em janeiro desse ano, eu fui lá na casa dele pra trocar uma ideia, pra brincar, e a gente sempre teve essa amizade pra ficar conversando, trocando ideia. Quando eu vou pra lá, a gente vai dormir de três hora da manhã, quatro hora. Porque a gente participa da roda de Capoeira e depois vai conversar na casa dele, dá madrugada, o galo quer cantar, aí a gente vai dá uma cochilada, dormir pra poder vir embora. Então, nesse meio tempo, ele disse: “Mestre, eu tava querendo conversar

com o senhor a respeito do grupo. Vou conversar com o senhor, os adulto já tá sabendo, as criança não”. Eu fiquei meio naquela, acho que ele deve somar o trabalho junto comigo, eu acredito que a conversa mais é essa, né. Aí a gente ficou conversando lá, deu meia noite, e certa hora da madrugada, ele disse: “Mestre, eu queria saber se dá certo a gente pegar e juntar os dois grupo. Eu passo a ser Arte e Tradição, e eu não vou continuar mais no Memória do Pastinha”. Eu não rebaixo corda de ninguém, também não aceito todo mundo no grupo, e como eu conheço ele, inclusive ele é mais velho de Capoeira do que eu, aí aceitei de bom grado, o pessoal tá superfeliz, e ele tem um trabalho muito parecido com o meu. Porque a cidade de Altaneira, a grande maioria dos aluno dele é pessoas que vem da roça, é uma cidade pequena, sobrevive da roça, ou alguém que tem algum vínculo com a prefeitura. É um lugar que ele percebeu que o meu trabalho é voluntário, e que não tem essa questão de explorar. Foi o único grupo que ele achou que seria coerente com o trabalho dele. Então ele pediu pra entrar no grupo e eu aceitei de bom grado. A gente já oficializou, mas tá faltando a gente entregar as roupa dos menino, e eu tô muito contente com essa junção, porque desde 1992 que a gente tem essa amizade. Nunca teve essa questão de... ele não é uma pessoa que gosta de falar dos outros, então assim... ele se identificou realmente com nosso trabalho, e se Deus quiser, vamo pra frente!

Eu nas minhas andança, comecei... por um acaso, um menino fez um projeto pra montar um maracatu, ele viu que dentro da nossa ONG, da nossa Associação, tinha muitas pessoas, e ele fez um projeto mais no sentido de ganhar o projeto mesmo, e fazer o primeiro maracatu da cidade de Barbalha. Só que ele não achou que dava certo ele dentro do grupo dele segurar esse maracatu, aí ele pegou e falou pra mim: “Mestre Chico Ceará, se a gente fizer o projeto e ganhar o maracatu, o senhor segura?”. Nós num sabia pra onde ia o maracatu, mas disse que se ganhasse eu seguraria. Então quando foi em 2016, ele fez esse projeto, ganhou, e a gente tá levando esse filho, que foi implantado... mais novo, né, agora tem quatro ano o nosso Maracatu Nação Tupinambá Arte e Tradição.

FESTIVIDADES, PARTILHA, ENCONTROS

No terreiro, a gente tem oito momentos durante o ano, quando a gente faz evento. O primeiro, a gente pontua como a primeira roda do ano, geralmente é do dia três a seis de janeiro, comemorando o Dia de Reis. A gente não tem Reisado, mas a gente comemora a primeira roda do ano. E começa a trabalhar para o nosso Maracatu, que vem desde 2016 pra cá, vamo trabalhar o Carnaval pra botar o nosso Maracatu na rua. Esse Maracatu, ele precisa ser apresentado na nossa comunidade no período do Carnaval, e no terreiro. Então a gente leva o Maracatu pra cidade de Barbalha e pra cidade de Crato. Nós montamos nesse mesmo período também o Ajuntamento de Tambores, junto ao pessoal do Arajara e outros grupos de tambores do Crato, do Juazeiro. A gente tem esse encontro no Carnaval.

CARETAS

Quando termina o Carnaval, na Quarta-feira de Cinzas a gente descansa. Na quinta-feira, a gente já começa a pensar os Caretas, qual o prêmio que a gente vai dar, o que é que a gente tem, aonde a gente vai com nossa militância, nossa atuação, pra angariar fundos, adquirir algo pra premiar os caretas. A preocupação é essa, dar alimento pra eles, água, e a premiação pra estimular eles a buscar o lado artístico deles, que é fazer a máscara artesanal. Também na Semana Santa, a gente começa na Quinta-feira Grande, a gente já começa com as **brincadeiras tradicionais**, que é jogo de bila, jogo de peteca, amarelinha, que a gente chama de macaca, as brincadeira de birro, xibiu, né, que a gente chama de xibiu, uma brincadeira de birro, da macaúba, quem não sabe o que é birro, é o coquinho da macaúba, né... e é assim, a gente vai implantando... o jogo de pião, de rodar pião. Na Quinta e na Sexta-feira Santa, a gente faz essa manifestação buscando esses trabalho, pra mostrar pra esse pessoal mais jovem que não é só o celular, que não é só essa parte de computador, essa parte mais virtual. Então a gente tem essas brincadeira tradicional que pode ser uma coisa bem legal, por sinal. Quando é no Sábado de Aleluia, a gente junta o pessoal lá pra poder construir o Juda, a gente mesmo faz o boneco do Juda e faz a construção do sítio do Juda. E no Domingo de Páscoa, de Aleluia, a gente faz o **Cortejo dos Careta** e a **Malhação do Juda**. Esse é o segundo, terceiro evento maior que a gente faz no terreiro.

Uma das coisa que fiz questão de levar lá pro terreiro foi a tradição dos Careta, porque como eu disse o pessoal tava levando muito pro lado comercial, e lá no meu terreiro não é comercial, é o lado cultural. Se tiver um muncunzá, um vatapá, alguma coisa que a gente possa vender lá, que também é tradição, que a gente trabalha muito a tradição culinária: baião, muncunzá, vatapá, essas comidas típicas da gente aqui, mas a gente se tiver um apoio financeiro do poder público ou privado a gente faz. Se não tiver, a gente faz do mesmo jeito.

ANIVERSÁRIO DA ONG

Passando do Carnaval, a gente já vai pra o dia treze de maio, que é o meu aniversário de **Capoeira** e aniversário da ONG. A gente faz o evento, e nesse evento sempre tá tendo apresentações culturais, tipo, sempre a gente faz uma **terreirada**. E a terreirada é o encontro de vários grupos de cultura popular. A gente consegue fazer isso através de muita amizade que a gente conseguiu, conquistou. Inclusive eu posso até citar alguns, o Urucongo [Crato, divisa com Barbalha], o Ponto de Cultura PROCEM [Crato], o Arcanjo Gabriel [Juazeiro do Norte], o Zabumbar [Crato], e outros grupos que a gente tem esse, esse intercâmbio, essa troca, né, vamo dizer mesmo, troca de favor: eu não tenho dinheiro pra pagar o grupo do PROCEM pra se apresentar no meu terreiro, ele vai, de qualquer forma ele vai, se ele não tem dinheiro pra pagar uma apresentação do Arte e Tradição ir pra o terreiro do PROCEM, o Arte e Tradição vai do mesmo jeito. Com ou sem dinheiro, a gente vai. Então tem essa troca, e isso é muito legal que a gente não tá pensando no comercial, nós tamo pensando no enfoque da cultura, né, colocar a cultura em primeiro lugar.

Depois que passa o **treze de maio**, tem no final de maio, eu não coloco como evento, mas a gente sempre tá participando do **Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha**, a gente desde que eu voltei, 1992, 1993, eu já participei. Aí quando foi em 1999 pra cá, todos os ano eu participei. Todos os ano a gente participa, exceto 2020, que não teve, por conta dessa pandemia que a gente tamo vivendo agora. Aí a gente não coloca esse cortejo da Festa da Barbalha como evento do terreiro, a gente participa, se encontra no terreiro, tem a roda tradicional do meio dia, que é o sol bem gelado, né, pra não dizer que é quentíssimo. A gente faz uma roda de Capoeira, faz um Samba de Roda, faz a brincadeira ali no sol quente. É um desafio que a gente faz no sol quente.

ARRAIÁ CULTURAL

A gente faz o **Arraiá Cultural**, que é um encontro de quadrilhas, a gente foca mais nas quadrilhas junina, que é no mês de junho, entre São João e São Pedro. A gente sempre tá fazendo esse Arraiá Cultural dentro do terreiro. Aí a gente pega e coloca os Coco de Palma, o Maneiro-pau, e coloca as quadrilha junina pra tá se apresentando no terreiro. São dois dias, ou três, de evento. A gente chama o pessoal do Crato, as quadrilhas do entorno, né, dos sítios circunvizinhos, e de Barbalha sempre tá vindo também, isso a grande maioria troca. Tipo, o pessoal do São Vicente vai pra Arajara, e o pessoal do Arajara, a quadrilha da gente, vem se apresentar no terreiro dele também. E assim sucessivamente, mas sempre fazendo essas troca.

Quando passa o mês de junho, aí julho não tem evento, só se alguém quiser o terreiro pra alguma coisa, o SESC ou o Centro Cultural Banco do Nordeste precisar do terreiro pra alguma terreirada, a gente tá fazendo também. Isso que eu tô falando é só das minhas, que a gente faz.

Aí quando chega no mês de agosto, considerado o mês da cultura em vários lugares, então resolvi que no primeiro final de semana de agosto, a gente faz uma terreirada cultural pra comemorar o mês da cultura. Então o que é que eu providencio: eu faço um batizado de Capoeira nesse primeiro final de semana de agosto e faço também uma terreirada cultural depois do batizado de Capoeira. [pausa] Eu vou falar logo do que acontece no mês de agosto, bienal, lá no terreiro. Nesse mês de agosto a gente só fazia as terreirada cultural e o batizado de Capoeira.

VIRADA CULTURAL

Quando foi em 2014, eu por pensar em coisa grande, eu nunca penso nada pequeno mesmo... ouvi falar da **Virada Cultural** lá de São Paulo, né. Morei em São Paulo algum tempo mas nunca participei, mas ouvi falar. E aqui no Terreiro Cultural Arte e Tradição, começou a dar muito certo e dar muita gente; num evento pequeno dá quinhentas pessoas, mais que isso. A gente passava da meia noite nos eventos, chegava à madrugada com apresentações e conversas, então resolvi que ia fazer uma virada cultural no Terreiro Cultural Arte e Tradição. Fiz uma breve pesquisa aqui na região, não tem ainda, não tá tendo, a não ser no Terreiro Arte e Tradição, na época não tinha tido ainda. Assim, fiz uma pesquisa por alto, vamos dizer assim. De repente posso tá me equivocando aqui, enganado, né. Aí disse: “vou fazer a primeira Virada Cultural no Terreiro Arte e Tradição, e talvez a primeira virada cultural na região do Cariri cearense”. E comecei a pensar nesse sentido, chamei meus aluno na última roda do ano de 2014 e eu falei: “pessoal, esse ano que vem vai ser o ano da virada”. E eles entenderam um pouquinho diferente. Pensavam que ia ser outro tipo de virada e eu disse: “não, é a Virada Cultural. A gente vai fazer a primeira Virada Cultural, talvez do Cariri, mas no Arte e Tradição vai ser a primeira”. Os menino disseram: “oxente, Mestre, como é isso?”. Minha esposa, que é minha companheira, a guerreira que tá sempre ali do lado me apoiando e me ajudando, fazendo junto



comigo, que a minha metade é ela mesmo, né, dessa parte cultural, de realizar as coisas, aí ela pegou e disse: “bom, você quer, a gente faz, né?”. Eu com minha doideça, e ela com a coragem e a sabedoria. E aí eu disse: “a Virada Cultural é vinte e quatro hora sem interrupção. Você vai no banheiro e volta, só de cultura, vinte e quatro hora. Começa no sábado

meio dia e termina no domingo meio dia”. Os menino disse: “Mestre, oxente!”, e eu disse “é desse jeito que vai ser”. “apois então se o senhor quer, vamo fazer”.

A gente, no final do ano de 2014, já deixou previsto o primeiro final de semana de agosto, que já tá tendo essa terreirada, já tava tendo esses batizado de Capoeira, então eles abraçaram e a gente começou a trabalhar. Quando foi em 2015, a gente fez a programação normal do Arte e Tradição, só que quando chegou em agosto, no lugar de ser só uma terreirada e um batizado de Capoeira, a gente fez a primeira Virada Cultural. A gente começou no sábado meio dia e quando parou no domingo, já foi quatro hora da tarde. Quando teve a culminância do que aconteceu, tipo a opinião das pessoa no final, quem ficou de A a Z, quem ficou o tempo todo, todo mundo chorou, porque foi muito emocionante, né. Eu também, metido a durão, chorei, e falei pro pessoal: “bom, pessoal, é o seguinte: Virada Cultural vai ser bienal. Eu num guento todo ano uma trabalhadeira dessa e nem emoção desse tanto”. Aí a gente passou a fazer bienal as viradas culturais. Foi então que entrou a Virada Cultural. No ano ímpar é Virada Cultural, e no ano par, é só terreirada cultural e o batizado dos aluno que treinou o ano todinho ali, aí a gente faz o batizadinho de Capoeira deles e uma terreirada cultural, mas uma hora, duas hora da manhã acaba. Já foi até a terceira edição, e se Deus quiser em 2021, vai ser a quarta.



FESTA DAS CRIANÇAS

Quando termina a Virada Cultural, a gente descansa um ou dois dia e aí vamo trabalhar pra Festa das Criança, próximo ou no dia doze de outubro. O que é que a gente faz: a gente pede brinquedo às pessoas, doações, a gente aluga pula-pula pros menino ficar brincando e a gente conserta brinquedos que é doado pra poder fazer outra doação pros meninos que vem participar. Em 2019 teve quase trezentas pessoa, entre mães e crianças brincando nesse evento. E importante: não saiu nenhuma criança que não ganhasse pelo menos um cavalinho de plástico, uma bola, alguma coisa, todos eles saíram com algo. E a gente também alimenta todas as pessoas com lanche. A prioridade é as criança, mas os adulto também se alimenta lá, graças a Deus isso aí tá dando certo. Quem faz a festa é nós tudim! As pessoas que faz as doações, a gente tira do nosso também, né, do nosso bolso, pra poder fazer a compra do material, do alimento, pra poder fazer o pagamento dos pula-pula. No ano passado foi dois, aí por causa da demanda de muitas criança, a gente botou um maior e um menor. Aí, por exemplo: quando a gente aluga um pula-pula, o dono do pula-pula já tem algodão doce e crepe pra poder tá dando pras criança, a pipoca. A gente já aluga com isso aí, já completo. A gente faz bingo pra poder conseguir o dinheiro da Festa das Criança, e tem muitas pessoa que já tão sendo parceiro. Tem uma professora da URCA que dá cem reais todo ano. Aí já é o aluguel de um dos pula-pula. E as comunidade se envolve e ajuda, tanto ajuda na organização, como se doam no sentido de tá cuidando dos menino, dando alimento, juntando fila, a comunidade vem pra ajudar nas

brincadeiras. A gente tem a parceria com a catequese, com a rezadeira daqui da comunidade. A rezadeira é catequista também, da Igreja. Aí ela pega os catequizando dela e leva tudo pra lá também, e já ajuda a organizar. O Terreiro Cultural Arte e Tradição tem esse ponto de encontro, e um espaço de ajuntamento de pessoas mesmo.

Aí quando termina a **Festa das Crianças**, a gente quando pode descansa um dia, e no outro já começa a pensar o dia vinte de novembro, que é o Dia da Consciência Negra. O Dia da Consciência Negra é um dia da troca de saberes, a gente senta debaixo da mangueira à tarde, e vamos falar sobre o que nós somos e o que queremos ser. A gente tem essa troca de conversa, né. Geralmente eu chamo alguma pessoa pra falar sobre os costumes negros, pra não ficar só a minha fala, a pessoa tentar se reconhecer como negra, como proponente da cultura, um dono do saber, falar um pouco do respeito, da nossa ancestralidade. É um momento, assim, legal. Depois, quando adentra a noite, a gente faz o encontro, faz a terreirada, que é um encontro de grupos como eu falei, de grupos de cultura popular. A gente tem um momento de oralidade, de aprendizado na oralidade, e quando é à noite, temos o momento de apresentar as nossas cultura, os nossos movimento. Eu coloco o Maculelê pra gente se apresentar, pra fazer a abertura, aí depois vem os outros grupos de cultura popular. Esse ano não vai dar certo da gente fazer, mas seria um ano da implantação da Mangaba lá no terreiro. Vinte de novembro é o Dia da Consciência Negra, mas nós num podemos comemorar, nós num temos muito o que comemorar, por quê? Foi um dia onde o pessoal pegaram um estrategista, né, o Zumbi de Palmares, e arrancaram a cabeça dele, mataram cruelmente, então nós num temos muito motivo pra comemorar. A gente tem motivo pra tá se autoavaliando, ter um pouco de consciência, né, do que é ser negro, do que é ter liberdade. Eu coloquei a **Dança da Mangaba**, que é uma manifestação muito alegre, no dia vinte de novembro, pra gente ter motivo de trazer essa alegria à tona, e num ficar só no pensamento da tristeza, daquilo que aconteceu há trezentos anos atrás.

NATAL DAS CRIANÇAS

Quando termina o vinte de novembro, a gente começa a trabalhar pro **Natal das Crianças**, né, e a última roda do ano. E é isso que a gente faz periodicamente, anualmente, no Terreiro Cultural Arte e Tradição. É a nossa contribuição, a minha contribuição pra nossa comunidade, pra nossa sociedade. Eu sei que não é muito, o que eu faço é pouco, mas eu acredito que aos poucos a gente vai conseguir fazer muito mais. Eu sei que consigo fazer muito mais. Mas esse daí tá sendo o nosso limite, né? A gente tá lutando pra fazer mais. Mais mesmo.

Então, quando foi em 2018, eu já ajudando bastante, participando de vários eventos no Pernambuco, na Paraíba, em Brasília, em São Paulo, que foi de lá que eu saí com a Capoeira e o Maculelê e o Samba de Roda e a Puxada de Rede. No Paraná, já fui evento no Paraná. Assim, a gente tá sempre andando e nessas minhas andança eu fico tentando trazer o que eu puder encontrar de melhor pra nossa ONG, e nessas andança, em

2019, eu encontrei no Simpósio Internacional em Fortaleza, encontrei um rapaz do Maranhão com uma dança chamada Mangaba, que também é dança afro-descendente. Naqueles cantinho do Maranhão, que nem tem o Jongo lá no Rio de Janeiro, em um cantinho do Rio de Janeiro, né, mas é uma dança afro-descendente assim como o Samba de Roda, a Capoeira e outros mais. E foi assim: a batida, a pisada da Mangaba, que é lá do Maranhão, é parecida com a do Coco de Palma, e o caxingar, o dançar é parecido com a pisada do Coco. A pisada do pé. E eu achei muito massa, me identifiquei bastante. Conversei com o mestre e quando foi dia vinte de novembro de 2019, a gente já colocou no terreiro. Aí já foi mais outra manifestação que a gente colocou dentro do nosso terreiro, das nossas manifestações.

AS MEMÓRIAS DA REGIÃO

Como eu falei, eu sou agricultor, nasci e me criei trabalhando na roça. Sempre tive vontade de sair pra poder conhecer o mundo. Eu não imaginava que trabalhar na roça, tá no meio do ambiente, seria tão maravilhoso, né. Mas eu tinha que passar por muitas coisas pra poder valorizar. Não me arrependo, porque foi lá que eu aprendi a Capoeira, o Maculelê, o Samba de Roda e “n” coisas. Costumo dizer que o mundo é uma ilha grande e osso duro de roer, onde sofremo, filho chora e mãe não vê [samba de Bezerra da Silva]. Aí foi lá onde aprendi essa música, né, isso é uma música, um trecho, eu aprendi essa música lá porque aconteceu comigo, é uma música [canta o trecho da música]. Então isso aconteceu comigo, aí foi onde eu fui valorizar mais minha ancestralidade e valorizar a roça de onde eu saí. Voltei pra roça, as coisa vai melhorando com os tempo... a gente vai se adequando, a gente é camaleão mesmo, a gente se adapta com o ambiente, com as coisa, né. Antes, a gente matava passarim pra poder comer, caçava preá pra poder colocar na alimentação. Hoje em dia eu defendo, por conta da minha roça... hoje em dia, minha roça, eu não queimo mais, porque eu fortaleço a terra com a própria folhagem, porque você tocar fogo, você tá acabando, eliminando os ingrediente da sua terra.

Então, assim: eu peguei um amor maior pelo ambiente. Qual é a minha contribuição pelo ambiente? Dentro do evento Virada Cultural, que são vinte e quatro hora de cultura, é um momento de aprendizado, é um momento de formação, é um dia inteiro de formação. Então tem os momentos que a gente vai pras trilhas. A gente divide: um ano, a gente faz o percurso rural. A gente vai nas casa de farinha, a gente vai nos engenho de rapadura, né, a gente fala um pouco da nossa ancestralidade nesse momento aí, um momento de culminância. A gente fala das moagem, que aqui no Arajara e em Barbalha já teve muito engenho, tem mas não tá funcionando mais. Tudo isso vem trazendo a nossa escravidão, e o que nossa ancestralidade fazia. Eu falo muito sobre isso, sobre as moagem, sobre a fabricação da rapadura. [pausa] Quando terminava as moagens, os trabalhadores rurais, eles pegavam cada um um pedaço de pau, sempre tem que ter uma pessoa que tenha um pouco mais de dom poético, pra poder sair cantando as loas, as rimas, e eles começavam, em comemoração àquela luta de muito tempo, de três, quatro meses que tava trabalhando na colheita da cana,

quando finalizava eles pegava os pedaço de pau e saía brincando, jogando o Maneiro-pau [canta] “ô minino se quer ir vamo, minero-pau, minero-pau / num se põe a imaginar, minero-pau, minero-pau / e quem imagina cria medo, minero-pau, minero-pau / ôi quem tem medo não vai lá...”. Aí começavam a brincar no engenho. Do engenho, eles subiam, brincando na estrada, e jogando Maneiro-pau, e rimando. Quando se encontrava em algum bar, em algum espaço de aglomeração de mais pessoas. Sempre, no engenho, como é o serviço mais forçado, mais braçal, é mais os homens, aí se juntavam um monte de homem. Quando chegava no outro espaço, no terreiro, onde tivesse uma bebida, um espaço que eles pudesse se encontrar, era onde as minina tava ali, esperando eles. Aí eles mudavam pro Coco de Palma. Hoje em dia o pessoal costuma dizer, costumava dizer, que o Maneiro-pau é manifestação cultural de homem, mas não é que a mulher não possa fazer Maneiro-pau, é porque geralmente, na nossa realidade aqui do Arajara, o pessoal trabalhando nos engenhos eram os homens, que cortava cana, metia cana, fazia rapadura. Então, quando terminava, ali só tinha homem. Aí eles pegava e saía jogando Maneiro-pau. Então quando chegavam num terreiro, que tinha as moça esperando. Eles mudavam pro Coco de Palma: [canta] “adeus sala de jantina / adeus sala de jantar...”, e outro “e arrebate camuzé / que fulô tão bela / rosa amarela / meu jardim de flor”. Tinha várias cantiga de Coco. Isso era nas moagem e nas farinhadas.

Antigamente, o pessoal, há setenta, sessenta anos atrás, o pessoal tinha mais consciência do que é ser extrativista, do que é se alimentar do que a natureza lhe dá. Que dava e que dá. Então pessoal ia pra cima da Serra do Araripe, e sempre eles passavam quatro meses, seis meses, na colheita do piqui. Na colheita do piqui, eles ficavam acampados, subia tipo a família toda. Ficavam acampados em cima da serra durante três, quatro meses, até cair o último caroço de piqui. Eles trabalhando caçando o piqui durante o dia, e quando era da tardinha pra noite, eles se reunia, pra não ir dormir cinco horas, seis horas, aí quando era de tardezinha eles começavam a dançar o Coco de Palma. Eles ficavam batendo palma e cantando os coco, geralmente era Coco de Palma, mas era Maneiro-pau também, entendeu? Então isso é uma tradição que vem de muito tempo.

Quando a gente faz a trilha ecológica na Virada Cultural, eu falo sobre esse extrativismo, falo sobre a gente não tá matando os passarim... prejudicando a natureza, né? Não fazer queimada.

Eu falo sobre a promessa da pandemia de 1917. Que aqui pra nós teve, cento e dois, cento e três anos atrás, teve uma outra pandemia que foi a febre bailarina, ou seja, a gripe espanhola. Foi feita essa promessa aqui na região de Arajara, que se essa febre espanhola, que chamava de febre bailarina, não atingisse a nossa comunidade, um rapaz chamado “Seu José Francisco” fez a promessa que se a febre não matasse o pessoal do Arajara, ele ia no espaço mais alto, o topo do Picoto, e colocaria um cruzeiro de dez palmos de braço por trinta palmo de altura. Então quando passou a pandemia de 1917 pra 1918, quando foi no dia trinta de agosto, ele subiu lá no Picoto, que é o Pico mais exibido que aparece na Floresta Nacional do Araripe, aqui no Arajara, e coloca esse cruzeiro lá. Todo último final de semana de agosto de cada ano, ele sobe lá em cima pra rezar um terço. Aí muita gente começou a fazer promessas, começou a ser um espaço de crença, de



religiosidade. Hoje em dia, sempre tem missa lá agora, no lugar de ser só um terço rezado, sempre nós se organizamos por aqui e leva o padre de moto. Antes ele vinha amontado numa mula, né, numa burra, num burro. Ele saía da cidade do Crato amontado num burro pra rezar a missa. Hoje, que tá mais moderno, a gente leva o padre numa moto pra ele rezar a missa.

Então o que é que a gente faz [Terreiro]: a gente fala sobre essa questão da religiosidade, e lá em cima falamos um pouco do extrativismo do piqui, o que a Floresta Nacional pode nos dar, né, e faz uma vivência de Coco de Palma e de Maneiro-pau em cima da serra. E essas coisa, vem natural, não é eu que fico dizendo ou alguém diz: “Mestre, vai fazer isso”. É uma coisa muito engraçada porque, tipo, chegou a Virada Cultural, “o que é que tu vai fazer?”. Aí eu penso num itinerário pra poder ocupar o meio dia, até o almoço, aí a gente finda aparecendo... vem o estalo, que eu acho que é uma memória que Deus manda, sei lá, uma lembrança, que aí eu pego e digo: “então vamo fazer isso!”, e dá certo.

A agricultura e a cultura, elas são irmãs gêmeas, né? Você vê que a grande maioria dos detentores da cultura são agricultores, são pessoas que vem da roça. Outros, da cidade, que começam a fazer cultura, ele aprendeu com um caba que veio lá da roça. Então elas são irmãs gêmeas. Tenho muito orgulho de ser cultura, tenho muito orgulho de ser agricultor. Por conta disso, eu detenho as duas coisas juntas. [pausa] É uma coisa que me faz bem, que me faz ser eu, de verdade.

A gente tem pouco apoio, pouco recurso, mas a gente é muito sonhador, muito esperançoso. Então, assim... a gente tá concorrendo a esse prêmio, nós fazemos muita coisa aqui no terreiro. Eu sei que não são muitas, mas eu sei que posso fazer muito mais, e se a gente for contemplado, se a gente conseguir passar nesse prêmio, nós temos aqui dois banheiro na nossa ONG que é necessário fazer, organizar eles. Um tá inativo, um só tá funcionando. Na verdade são três banheiro que precisa concluir, dois já tá levantado, batido laje. A gente pretende organizar aqui também um vestuário, porque já várias vezes, no nosso voluntariado, na nossa troca de grupos, né, de apresentações, já teve vezes do pessoal, pra se apresentar aqui no terreiro, se trocar do lado do terreiro. E a gente pretende dar um conforto pra essas pessoa que vem, e seria fazendo um vestuário, um mini-camarinho, que as pessoas possam tá guardando suas coisas e não se trocando mais no meio da rua, debaixo da mangueira. Enfim, organizar a barraca, que a gente precisa terminar de organizar a barraca que a gente tem aqui, que é um local de convivência e troca de saberes. Organizar as arquibancada que não tão boas, nós temos seis bancos, que cabem de quinze pessoas mais ou menos, feito de alvenaria, mas já tem uns buraco. A gente aproveitou a parede da estrada [terreno do terreiro fica em declive, ao lado esquerdo da estrada que sobe para a Floresta Nacional] pra fazer uma arquibancada, junto aqui do terreiro. Eu acho que seria muito viável se a gente recebesse esse recurso, além de comprar os equipamento, né, que a gente constrói instrumentos musicais, construímos as coisa do Maracatu. Os djembês pra os sambas e os

toques de Maculelê, que eu tô inovando e colocando o djembê nas coisa do Maculelê. Organizar o espaço onde o pessoal treina, pra gente poder dar um conforto melhor pras pessoas, né, arrumando os banheiro pra os minino tomar um banho depois do treino, tendo realmente um vestiário pra eles poder se trocar no dia que vem treinar. Que a gente tem aqui segunda, quarta, sexta e sábado, esses quatro dias são os dias que têm treino de Capoeira aqui no terreiro. Então é isso, se a gente conseguisse passar nesse edital nós íamos tá melhorando nossa situação aqui do espaço, e como eu faço algumas coisa, com certeza eu ia poder fazer um pouco mais.

APOIO AO TERREIRO

A gente faz, que nem diz o dito popular, é com a cara e a coragem. Eu não seria hipócrita de dizer que não temos apoio porque a gente geralmente tem o pessoal da comunidade que nos ajuda quando a gente faz bingo, tem pessoal da comunidade que ajuda doando alguma parte de alimento pra que a gente possa tá alimentando os grupos e o próprio grupo Arte e tradição. No dia do evento nós temos essa troca que a gente faz de se apresentar nos outros terreiros, em troca dos outros grupos vir se apresentar no nosso terreiro. A gente tem feito tipo, mais no peito e na raça essa questão. Já tivemos alguns editais que a gente ganhou. Foi o da criação do Maracatu. Esse da criação do Maracatu foi o primeiro edital já em 2016 que a gente recebeu pra poder realizar alguma coisa lá no terreiro. As outras, a gente, quando tem alguma apresentação pelo SESC, né, aí a gente pega e transfere aquele recurso pra algum evento do terreiro. No CCBNB nós já tivemos muito, muitas apresentações, algumas apresentações feita por eles; a gente transforma [o recurso] em passagem do mestre que vem de fora, transforma em alimento e vestimentas. Quando tem o cortejo cultural de Barbalha, o cortejo folclórico, que eles chama, que é o cortejo cultural... aí como eu detenho vários segmentos de cultura eu levo, tô levando por último seis grupos no lugar de levar oito ou dez manifestações, eu levo só seis.

Aí todas essas manifestações a gente faz, por exemplo, um pouco antes da Virada Cultural e do batizado de Capoeira. Como os meninos são filho de agricultor e não tem condições de pagar uma roupa cara, uma graduação, certificado, essas coisas, então a gente pega esse dinheiro e divide com os brincantes e ao mesmo tempo pede, não exige não, pede pra que eles comprem o que é necessário, pagar uma taxa de investimento pra fazer uma graduação e pra roupa, porque fica muito estranho fazer uma batizado de Capoeira, é eu de calça jeans, você de calça marrom, Maria de calça roxa ou preta, todo o carnaval, todo coisa diferente. Se é um uniforme é padrão, é branco, então é necessário que teja todo mundo que vai participar do evento com a roupa branca. Eu não tenho como pagar e foi uma maneira que eu encontrei, por falta de apoio, de pegar esses cachês que vem do evento da Festa de Santo Antônio e cada um pegar o seu e tentar pagar essas coisas, fazer seu uniforme, fazer seu investimento praquilo. É a única coisa que eles pagam no período de um ano. Se tu não vai pagar a graduação tu pega teu 50, 60 reais, o que for tocado pra você, e vai comprar arroz e

feijão pra sua casa ou comprar um chinelo, que você quiser. O nosso apoio é muito pouco, o poder público investe muito pouco na gente. Tanto é que a gente faz é independente do poder público entrar com ajuda ou não. E uma coisa que me intristece é saber que tem muito dinheiro na cultura, muito edital aberto e muito burocrático, que as pessoas que tem estudo sabe fazer um edital e eu da roça, que sou agricultor, não sei fazer esse edital. Eu que sou um detentor do saber popular, e uma pessoa que é mais do saber acadêmico, da universidade, ele vai lá e faz né... vem atrás da gente, a gente realiza o trabalho cultural e ele fica com o dinheiro que ele consegue passar, habilitar um projeto. Então, eu costumo dizer que algumas pessoas, infelizmente as pessoas são sanguessugas, são explorador da cultura e do pessoal que faz a cultura. Então assim seria muito viável que fosse mais fácil pra um mestre fazer, um mestre conversar e mostrar que realmente ele faz, e o pessoal ter esse intercâmbio, ter como mostrar que agora por conta das redes sociais tá muito mais fácil da pessoa encontrar um mestre que está num lugar mais longínquo, escondido. O pessoal coloca nas redes sociais e a gente acha, tem como ver e como saber.

E pra finalizar, eu sou muito abençoado. Sou muito abençoado por ser agricultor e ser cultura. Essas duas coisas é que me mantém vivo, que sei que posso doar um pouco de mim pra comunidade. Bem que eu queria ser um doutor... mas não; sou um agricultor, sou um detentor da cultura, então assim eu sei que meu valor é tão grande quanto dum doutor. Ele vai curar uma doença, vai fazer uma cirurgia acolá, e mia qualquer pessoa, e eu vou curar as angústias de uma pessoa que teje angustiado, que teje triste, através do meu saber popular, através da minha cultura. E não se engane, não. Eu também sou doutor, porque eu também sei fazer um remédio numa perna de um pinto, de um cachorro, de um gato com mastruz e tala de palmeira. Eu consigo fazer, esse remendo eu consigo fazer, esse gesso que a natureza me dá, com remédio que é o mastruz, eu consigo



remendar a perna de um cachorro e de um frango, e então assim eu também sou doutor, nesse sentido. Eu sei fazer um xarope pra curar a gripe de um minino, né... pega uma malva do reino, pegando um limão, um alho, uma cebola branca, então eu também sou doutor. Não tenho inveja de doutor não. Isso foi a natureza, a agricultura e a cultura que me deu. Ser cultura pra mim é ser vida. Tudo, tudo, tudo. Cultura é o que come, é o que você pega, é o que você veste, é o que você faz. Tudo isso é o que a cultura tem pra te dar. É vida.